

Metodologia da Teoria Fundamentada

Uma visão geral

Anselm Strauss

Juliet Corbin*

O propósito deste capítulo é apresentar uma visão geral das origens, propósitos, usos e contribuições da metodologia da teoria fundamentada. Não relacionaremos os procedimentos propostos da metodologia ou muito da lógica por trás deles, já que foram extensamente discutidos em outros lugares (veja, p. ex., Corbin & Strauss, 1990; Glaser, 1978; Glaser & Strauss, 1967; Strauss, 1987; Strauss e Corbin, 1990; veja também Charmaz, 1983, 1990). Assumiremos aqui que alguns destes escritos são familiares ao leitor ou, se suficientemente interessados neste capítulo, tornarão àquelas fontes.

Teoria fundamentada é uma *metodologia geral* usada no desenvolvimento de uma teoria fundada em dados sistematicamente coletados e analisados. A teoria evolui durante a pesquisa real, e o faz devido à contínua interação entre análise e coleta de dados. Um aspecto central desta abordagem analítica é ser “um método geral de análise comparativa [constante]” (Glaser & Strauss, 1967, p. vii); daí ser frequentemente citada como *método comparativo constante* (para a formulação original, veja Glaser, 1965/1967). Desde sua introdução há 25 anos, várias diretrizes e procedimentos evoluíram através da experiência de pesquisa de seus usuários; elas foram planejadas para melhorar a eficácia desta metodologia *em* pesquisa. As diretrizes e os procedimentos propostos abrem campo para a ingenuidade e são uma ajuda à criatividade (veja discussão abaixo).

Nesta metodologia a teoria pode ser *gerada* inicialmente a partir dos dados, ou se teorias (fundamentadas) existentes parecem apropriadas à área em investigação, então estas podem ser *elaboradas* e modificadas enquanto os dados que chegam são meticulosamente com elas confrontados (Para este segundo ponto veja Strauss, 1987; veja também uma abordagem semelhante de um sociólogo influenciado pelo livro de Glaser & Strauss, *The Discovery of Grounded Theory*, 1967 – Diane Vaughan, 1992; a denomina “elaboração teórica”). Pesquisadores podem também, com utilidade, trazer para seus estudos correntes qualquer teoria baseada em suas pesquisas prévias, desde que lhes pareçam relevantes – mas, novamente, a confrontação da teoria com os dados deve ser rigorosamente realizada.

A metodologia da teoria fundamentada acarreta explicitamente que “gerar teoria e fazer pesquisa social são duas partes do mesmo processo” (Glaser, 1978, p. 2). Quando propuseram esta abordagem de desenvolvimento de teorias, Glaser & Strauss estavam perfeitamente cientes de que abordagens alternativas para criar e elaborar teoria – sem uma ligação explícita com a pesquisa real – eram populares, ou assumidas, ou vigorosamente defendidas (àquele tempo estas incluíam as de Parsons, Merton e Blau); elas ainda o são (veja Laumann, Habermas ou Alexander). Neste sentido, mas também no da inclusão de diretrizes gerais e, pelos anos, de procedimentos mais específicos para produzir teorias fundamentadas, esta abordagem é ainda única. Impressionado por esta proposta radical *de pesquisa* no desenvolvimento de teorias, Baszanger (1992, pp. 52-53), um sociólogo francês, comentou recentemente sobre o “trabalho duro” em conjunto e detalhado, acarretado em gerar os conceitos resultantes e em traçar suas relações.

Algumas Semelhanças e Diferenças com Outros Modos

Semelhanças

* Nota dos autores: esta exposição sumária representa a visão dos autores como participantes e contribuidores da teoria fundamentada e observadores de sua evolução. Outros que porventura tenham participado deste movimento intelectual terão opiniões diferentes sobre um ou outro ponto abordado, e da importância relativa que lhes conferimos.

Estudos que fazem uso de teoria fundamentada gozam de algumas semelhanças com outros modos de se realizar pesquisa qualitativa. As fontes de dados são as mesmas: entrevistas e observações de campo, tanto quanto documentos de todos os tipos (incluindo diários, cartas, autobiografias, biografias, apanhados históricos, jornais e outros materiais da mídia). Vídeos podem também ser usados. Como outros pesquisadores qualitativos, teóricos fundamentados podem utilizar dados quantitativos ou combinar técnicas de análise qualitativa e quantitativa (veja discussão abaixo, mas veja também Glaser & Strauss, 1967, pp. 185-220). Defensores desta metodologia assumem, como fazem-no muitos outros pesquisadores, que alguma forma de ciência social é possível e desejável. Também como outros, teóricos fundamentados redefiniram os cânones científicos usuais para o propósito de se estudar o comportamento humano (veja discussões explícitas em Glaser & Strauss, 1967, pp. viii, 224; Strauss & Corbin, 1990). Como Glaser & Strauss (1967) asseveram:

Neste livro levantamos dúvidas sobre a aplicabilidade desses cânones [usuais] de rigor como critérios adequados para julgar a credibilidade de uma teoria baseada no uso desta metodologia. Sugerimos, em lugar daqueles, que critérios de julgamento sejam baseados nos elementos detalhados das estratégias reais usadas para coletar, codificar, analisar e apresentar os dados enquanto gerando a teoria, e de forma que as pessoas possam lê-la. (p. 224)

Envolvida nesta redefinição comumente aceita está a insistência de que nosso é o trabalho interpretativo e, como descrito abaixo, que interpretações devem incluir as perspectivas e as vozes das pessoas que estudamos. Interpretações são buscadas em favor do entendimento das ações de indivíduos ou de agentes coletivos sob estudo. Ainda, aqueles que usam procedimentos de teoria fundamentada compartilham com muitos outros pesquisadores qualitativos uma posição distintiva. Eles assumem a responsabilidade pelos seus papéis interpretativos. Eles não acreditam que isto seja suficiente simplesmente por relatar ou dar voz aos pontos de vista das pessoas, grupos ou organizações estudadas. Pesquisadores assumem a responsabilidade ulterior de interpretar o que é observado, visto ou lido (faremos mais comentários sobre este último neste artigo).

Diferenças

A principal diferença entre esta metodologia e outras abordagens de pesquisa qualitativa é sua ênfase no desenvolvimento de teoria. Pesquisadores podem visar a vários níveis teóricos quando usam procedimentos de teoria fundamentada. Entretanto, a maioria dos estudos que usam teoria fundamentada têm sido dirigidos ao desenvolvimento de uma teoria substancial. Isto é devido mais aos esmagadores interesses de pesquisadores que usam teoria fundamentada do que à natureza de sua metodologia. Como será discutido mais tarde, uma teoria “geral” de um nível mais alto é também possível, mas, quando fundamentada, difere dos tipos mais dedutivos de teoria geral pela sua geração e desenvolvimento através do confronto de dados coletados na pesquisa real (para um exemplo, veja Glaser & Strauss, 1970). Independente do nível da teoria, dentro deste estilo de coleta de dados e análise teórica extensivas e interrelacionadas, está estabelecido um mandato explícito de empenhar-se na *verificação* de suas hipóteses resultantes (afirmações de relações entre conceitos). Isto é feito *por todo o curso* de um projeto de pesquisa, mais do que assumir que verificação é possível somente através de pesquisa quantitativa assistida. Realçada também pelos seus procedimentos está a possibilidade de se desenvolver uma teoria de grande densidade conceitual e de considerável variação significativa. *Densidade conceitual* refere-se à riqueza do desenvolvimento de conceitos e relações – que se mantêm em grande familiaridade com os dados associados e são com eles sistematicamente confrontados. (É diferente das “descrições densas” de Geertz, onde a ênfase recai mas sobre a descrição do que sobre a conceitualização.)

Outras características distintivas: procedimentos

Certos outros procedimentos gerais tornaram esta metodologia eficaz e influente. Além da constante realização de comparações, estes procedimentos incluem a solicitação sistemática de questões gerativas e relacionadas ao conceito, amostragem teórica, procedimentos sistemáticos de codificação, diretrizes propostas para obter “densidade” conceitual (e não meramente descritiva), variação e integração conceitual. Mais recentemente, a conceitualização e diagramação de uma “matriz conceitual” (Corbin & Strauss, 1988; Strauss & Corbin, 1990) ajuda a especificar condições e conseqüências, em qualquer nível da escala, do macro ao micro, e a integrá-las dentro da teoria resultante.

Como haveremos de nos referir mais abaixo à matriz condicional, umas poucas palavras sobre esta ferramenta teórica poderiam ser úteis. Tal matriz pode ser visualizada como “um conjunto de círculos, uns dentro dos outros, e cada [nível] correspondendo a diferentes aspectos do mundo.... Nos anéis exteriores estão aquelas característica condicionais *mais distantes* da seqüência de ação/interação; enquanto os anéis internos relacionam-se àquelas características *mais próximas* da seqüência de ação/interação” (Strauss & Corbin, 1990, p. 161). Níveis incluem condições que vão do internacional ao nacional; à comunidade, organizacional e institucional, suborganizacional e subinstitucional; ao grupo, individual e coletivo, e às ações pertencentes a um fenômeno. Em um dado estudo, as condições em todos os níveis têm relevância, mas é necessário especificar-se exatamente como. “O pesquisador precisa preencher as características condicionais específicas de cada nível pertencente à área de investigação escolhida,” independente de qual nível particular *esta* esteja (Strauss & Corbin, 1990, p. 161).¹

Evolução no uso da metodologia

História

A teoria fundamentada foi inicialmente apresentada por Glaser e Strauss no livro *The Discovery of Grounded Theory* (1967). Este livro tinha três propósitos declarados. O primeiro era dar uma base racional para a teoria que era *fundamentada* – gerada e desenvolvida pelo confronto com a coleta de dados durante o projeto de pesquisa. Este tipo de teoria, Glaser e Strauss argumentavam, contribuiria para “fechar a embaraçosa fenda entre teoria e pesquisa empírica” (p. vii). Teoria fundamentada e suas possibilidades foram postas contra as dominantes teorias funcionalista e estruturalista (representadas por teóricos tais como Parsons, Merton e Blau), que Glaser e Strauss viam como desordenadamente especulativas, e dedutivas por natureza. O segundo era propor especificidades e uma lógica para teorias fundamentadas. E o terceiro propósito era legitimar a pesquisa qualitativa cuidadosa, que pelos anos sessenta havia submergido a um baixo status entre um crescente número de sociólogos, pois não se acreditava que ela fosse capaz de uma verificação adequada.

Ironicamente, *Discovery* rapidamente atingiu seu terceiro objetivo, tornando-se uma primitiva instância da forte base racional que sustenta modos qualitativos de pesquisa hoje em dia. Entretanto, levou cerca de duas décadas antes que sociólogos americanos, especialmente aqueles que realizavam pesquisa qualitativa, mostrassem mais apreço pela conceitualização mais explícita e sistemática que constitui a teoria. Foi então que este aspecto da metodologia passou a ser mais amplamente apreciado, provavelmente em conjunção com o crescente número de livros e artigos fazendo uso desta metodologia e sugerindo novos procedimentos. A publicação de escritos metodológicos adicionais – como citado acima – por teóricos fundamentados também a fez mais visível e disponível.

A publicação simultânea de *Discovery* nos Estados Unidos e na Inglaterra tornou a “teoria fundamentada” bem conhecida nesses países, pelo menos entre os pesquisadores qualitativamente inclinados e seus estudantes de pós-graduação. Nos anos seguintes à sua publicação, primeiro Glaser e depois Strauss deram um seminário contínuo sobre análise qualitativa ao estilo da teoria fundamentada, para estudantes de pós-graduação no departamento de Ciências Sociais e Comportamentais da Universidade da Califórnia, em São Francisco. Muitos estudantes de pós-graduação publicaram monografias e artigos usando a metodologia da teoria fundamentada para analisar uma variedade de fenômenos. Estes escritos indubitavelmente contribuíram para tornar os pesquisadores qualitativos cômicos, de uma forma cres-

cente, deste modo de análise. Isto valeu especialmente para sociólogos da área médica, pois as primeiras duas monografias usando teoria fundamentada foram sobre pacientes moribundos em hospitais (Glaser & Strauss, 1964, 1968).

Como teoria fundamentada é uma metodologia geral, um *modo de pensar e conceitualizar dados*, ela foi facilmente adaptada pelos seus criadores e seus alunos a estudos de diversos fenômenos. Para citar alguns poucos, estes incluem socialização profissional (Broadhead, 1983), áreas políticas (Wiener, 1981), novo casamento após divórcio (Cauhape, 1983), interação entre construtores e futuros compradores de casas (Glaser, 1972), volta ao lar (Hall, 1992), gravidez indesejada (Corbin, 1992), doação de óvulos entre irmãs (Lessor, 1993), abuso matrimonial (Lempert, 1992), experiências com doenças crônicas (Charmaz, 1980) e o trabalho de cientistas (Clarke, 1990a, 1990b; Fujimura, 1987; Star, 1989a, 1989b), tanto quanto o desenvolvimento de uma teoria geral sobre mudança de status (Glaser & Strauss, 1970), negociação (Strauss, 1978) e o controle de informação (“contextos de consciência”) (Strauss, 1987, 1991; para mais estudo veja o apêndice deste artigo). Enquanto isso, foram publicados livros adicionais explicando este estilo de análise, contribuindo para uma divulgação internacional mais ampla da metodologia e seus procedimentos (Glaser, 1978; Strauss, 1987; Strauss & Corbin, 1990; veja também Charmaz, 1983, 1990).

Desenvolvimentos no uso da teoria fundamentada

Embora grande parte da pesquisa original que usava procedimentos de teoria fundamentada tenha sido feita por sociólogos, provavelmente o uso destes procedimentos nunca esteve inteiramente restrito a esse grupo. Pesquisadores em psicologia e antropologia estão, de forma crescente, usando procedimentos de teoria fundamentada. Pesquisadores em campos profissionais tais como educação, serviço social e enfermagem têm usado, de forma crescente, procedimentos de teoria fundamentada isolados ou em conjunção com outras metodologias. Estas incluem a fenomenologia, em suas várias versões para ciências sociais (veja Benner, 1989), técnicas particulares (escalas e outros instrumentos) e em combinação também com métodos quantitativos. Esses profissionais poderiam achar útil a metodologia da teoria fundamentada em seus estudos, o que foi previsto como uma possibilidade em *Discovery*, onde Glaser e Strauss (1967) asseveram, no capítulo intitulado “Aplicando Teoria Fundamentada”, que uma importante característica da teoria fundamentada é sua “adequação”:

Uma teoria fundamentada que é fiel às realidades do dia-a-dia de uma determinada área é uma teoria que foi cuidadosamente induzida de diversos dados... Somente desta forma a teoria estará intimamente relacionada às realidades diárias (ao que realmente está acontecendo) de tais áreas, e assim ser altamente aplicável no seu tratamento (pp. 238-239).

Como com qualquer outra metodologia geral, o uso da teoria fundamentada, na prática, variou com a especificidade da área em estudo, o propósito e o foco da pesquisa, as contingências enfrentadas durante o projeto, e talvez até mesmo com o temperamento, dons ou fraquezas particulares do pesquisador. Por exemplo, Adele Clarke (1990a, 1990b) e S. Leigh Star (1989a) utilizaram, cada um, dados históricos em conjunção com trabalho de campo e dados de entrevistas, porque seus propósitos de pesquisa incluíam a obtenção de entendimento das origens e continuidades históricas das disciplinas científicas que estudavam. Carolyn Wiener (1981), em seu estudo sobre a arena nacional do álcool e seus múltiplos participantes e questões, apoiou-se largamente em documentos contemporâneos publicados, suplementados por extensas entrevistas e notas de conferências. Pesquisadores individuais inventam diferentes procedimentos específicos. Quase sempre também, em se tratando do difícil problema de integração conceitual, aprendem que os conselhos dados em escritos metodológicos e/ou nos seminários de teoria fundamentada requerem a adaptação às circunstâncias de seus próprios processos de pensamento. Histórias pessoais no tratamento de corpos de dados particulares também afetam a adaptação da metodologia geral.

Pesquisadores que utilizam teoria fundamentada foram indubitavelmente muito influenciados pelas tendências e movimentos intelectuais contemporâneos, incluindo etnometodologia, feminismo, economia política e uma variedade de pós-modernismos. Assim, o uso específico e os pontos de vista da teoria fundamentada têm sido diretamente influenciados ou indiretamente afetados, em termos de pensar através das diferentes hipóteses e ênfases de modos alternativos de análise (para um exemplo, veja o cuidadoso artigo de Joan Fujimura, 1991). Nossa interpretação deste desenvolvimento no uso e na conceitualização da teoria fundamentada não é que seus elementos centrais – especialmente comparação constante – estejam mudando, mas que idéias adicionais e conceitos propostos pelos movimentos sociais e intelectuais contemporâneos estão entrando analiticamente como *condições* dentro de estudos de pesquisadores que usam teoria fundamentada.

A postura da metodologia diante de tais matérias é a de abertura, como interpretamos agora tal abertura em termos de matriz condicional. Uma das características centrais da metodologia é a de que seus praticantes podem reagir e mudar com o tempo. Em outras palavras, assim como as condições que afetam o comportamento mudam, elas também podem ser tratadas analiticamente, estejam as condições na forma de idéias, ideologias, tecnologias ou novos usos do espaço. O procedimento geral é perguntar: qual é a influência do sexo (por exemplo), ou poder, ou classe social sobre o fenômeno em estudo? – e assim traçar sua influência tão precisamente quanto possível, assim como a influência fluindo na direção contrária. Os procedimentos de teoria fundamentada forçam-nos a perguntar, por exemplo: o que é poder nesta situação e sob quais condições especificadas? Como ele se manifesta, por quem, quando, onde, como e com que conseqüências (para quem ou para quê)? Não ficar aberto a tal tipo de questão é obstruir a descoberta de importantes características de poder *in situ*, e impedir o desenvolvimento de sua futura conceitualização. O conhecimento está, acima de tudo, ligado intimamente com tempo e lugar. Quando montamos condições de forma cuidadosa e específica dentro de nossas teorias, evitamos a reivindicação de versões idealistas de conhecimento, deixando o caminho livre para seu futuro desenvolvimento.

Difusão da metodologia

Refletindo sobre o crescente número e tipos de pesquisa nas quais a teoria fundamentada tem sido utilizada, ficamos chocados por certas características em sua difusão. Ordinariamente, tendências intelectuais se expandem de um grupo inventivo ou instituição em grande parte através de ensino face a face. No caso desta metodologia a difusão parece ter ocorrido largamente – e ainda hoje ocorrendo – através de sua literatura, incluindo traduções em línguas estrangeiras e programas de computadores (p. ex., NUD•IST – veja Richards, Richards, McGalliard & Sharrock, 1992; e ATLAS/ti – veja Mühr, 1992; veja também Tesch, 1990) que reivindicam relações com métodos de teoria fundamentada.

A difusão desta metodologia parece estar crescendo exponencialmente hoje em dia, em número de estudos, tipos de fenômenos estudados, difusão geográfica e disciplinas (educação, enfermagem, psicologia e sociologia, por exemplo). A difusão de procedimentos de teoria fundamentada alcançou agora subespecialidades de disciplinas, nas quais não poderíamos ter previsto seu uso – e nem sempre aparece de forma que outros teóricos fundamentados reconheceriam como “teoria fundamentada”. Por exemplo, há estudos sobre gerência de negócios, estudos de comunicação relativos a áreas como uso de computadores pelos fisicamente incapazes, e “teoria fundamentada” aplicada à construção de um modelo teórico da epistemologia de produção de conhecimento. (Falaremos mais tarde sobre a extensão da metodologia neste artigo.)

Riscos presentes na difusão

Esta metodologia agora corre o risco de virar moda. Parte do risco deve-se ao fato de os usuários não entenderem importantes aspectos da metodologia (como indicado no princípio), embora afirmem usá-la em sua pesquisa. Por exemplo, eles descobrem um processo básico, mas falham em desenvolvê-lo

conceitualmente, pois ou fecham os olhos ou não entendem o fato de que variação confere à análise da teoria fundamentada sua riqueza conceitual. Pessoas que pensam estar fazendo estudos com teoria fundamentada freqüentemente parecem concentrar-se na codificação como uma característica principal e quase exclusiva desta metodologia, e não fazem codificação teórica (“códigos teóricos conceitualizam como os códigos substanciais podem relacionar-se uns com os outros como hipóteses a serem integradas na teoria”; Glaser, 1978, p. 72). É improvável que mesmo a codificação teórica produza uma teoria conceitualmente rica, a menos que seja feita em conjunção com a realização de constantes comparações. Outra parte do risco presente na rápida difusão da teoria fundamentada é que alguns pesquisadores, deliberadamente, não visam ao desenvolvimento de uma teoria. Portanto, ignoram esta característica central da metodologia, freqüentemente usando seus procedimentos inadequadamente ou saltando por sobre metodologias alternativas que melhor poderiam servir aos seus propósitos.

Da mesma forma, pesquisadores ainda reivindicam “métodos de pesquisa de teoria fundamentada”, porque seus estudos são “indutivos”. Certamente, uma bem pensada reação contra teorias restritivas anteriores ou modelos teóricos pode ser salutar, mas uma concepção muito rígida de indução pode conduzir a estudos estéreis ou entediantes. Ora, teoria fundamentada tem sido usada como uma justificção para tais estudos. Isto ocorreu como resultado da apresentação inicial da teoria fundamentada em *Discovery*, o que levou a uma persistente e desafortunada má compreensão sobre o que estava sendo preconizado. Devido ao propósito parcialmente retórico do livro e da ênfase dos autores na necessidade de teorias *fundamentadas*, Glaser e Strauss apresentaram os aspectos indutivos de forma exagerada. Em contrapartida, eles subestimaram muito o papel potencial das teorias (fundamentadas} existentes e o inquestionável fato (e vantagem) de que pesquisadores treinados são sensíveis a teorias. Os pesquisadores trazem para suas pesquisas as possibilidades de se sensibilizarem com seu treinamento, leituras e experiência de pesquisa, tanto quanto com teorias explícitas que podem ser úteis se confrontadas sistematicamente com dados coletados, em conjunção com teorias que emergem da análise desses dados (Corbin & Strauss, 1990; Glaser, 1978; Strauss, 1987). Muitas pessoas ainda tiram suas concepções de teoria fundamentada daquele livro, e perdem as modificações posteriores mais realistas e balanceadas de seus propósitos retóricos.

Métodos quantitativos e teoria fundamentada

Aqui vai uma observação sobre a relação histórica – ou melhor, falta de relação – entre pesquisadores quantitativos e teoria fundamentada, e o que pode correntemente estar acontecendo com tal relação. Como já mencionado, *Discovery* tornou claro que teoria fundamentada é uma metodologia geral, aplicável tanto a estudos qualitativos quanto a quantitativos (“nós acreditamos que *toda forma de dados é útil tanto para a verificação quanto para a geração de teorias*, qualquer que seja a ênfase. Esta depende somente das circunstâncias de pesquisa, dos interesses e treinamento do pesquisador, e dos tipos de materiais [necessários para a] teoria.... *Em muitos casos, ambas as formas de dados são necessárias*”; Glaser & Strauss, 1967, pp. 17-18). Entretanto, a ênfase e o subtítulo de *Discovery (Estratégias Para Pesquisa Qualitativa)*, talvez combinados com a dominância de métodos quantitativos em sociologia e em qualquer outro campo pelas duas décadas seguintes à sua publicação, parecem ter assegurado que somente pesquisadores qualitativos dariam atenção à sua mensagem. A publicação seguinte de Glaser, *Theoretical Sensitivity* [Sensibilidade Teórica] (1978), teve impacto quase que totalmente sobre pesquisadores qualitativos. Escrevemos especificamente para pesquisadores qualitativos, como mostram os títulos de nossos livros (veja, p. ex., Strauss & Corbin, 1990; mas também Strauss, 1987). Pesquisadores quantitativos têm se mostrado, de forma crescente, insatisfeitos com resultados puramente quantitativos e estão buscando análises qualitativas suplementares, enquanto pesquisadores qualitativos têm agido menos defensivamente em relação aos seus modos de análise, e mais abertos a trabalhar com pesquisadores quantitativos em projetos de pesquisa. Por vezes, aqueles combinam métodos quantitativos com os seus qualitativos. A pesquisa de teoria fundamentada será indubitavelmente influenciada por estas tendências.

Teoria e Interpretação

Esta metodologia é planejada para promover o desenvolvimento de uma teoria eficaz. Por que uma teoria? Antes de tudo, a concepção inteira de uma “ciência” social está sob ataque hoje, especialmente por alguns acadêmicos feministas e pós-modernos. Este não é o local apropriado para ir contra tal ataque (e de qualquer forma, alguns defensores da fé científica têm reexplicado e defendido a base racional para ciência). Certamente não se deve adotar uma posição positivista ou métodos específicos das ciências físicas e biológicas para argumentar pela desejabilidade de uma ciência social. Por outro lado, não se deve também insistir que a investigação social ou mesmo a pesquisa qualitativa deva conduzir ao desenvolvimento ou utilização de teorias. Modos qualitativos de interpretação seguem a gama do “Deixe o informante falar e não interfira”, passando pela análise temática e pela elucidação de padrões (biográficos, sociais e assim por diante), estruturas teóricas ou modelos às vezes apenas frouxamente desenvolvidos e teoria formulada em vários níveis de abstração (Tesch, 1990). Todos esses modos certamente são úteis para alguns propósitos e não o são para outros. Assim, não sustentamos que criar teoria é mais importante que qualquer outro modo de interpretação ou que produz resultados mais úteis ou significativos; sustentamos somente que teoria deveria ser fundamentada no sentido descrito acima – em confronto com os dados e desenvolvida no curso da pesquisa real.

Dito isto, nos voltamos a algumas notas muito breves, dirigidas às seguintes questões, na medida em que estas sejam pertinentes à teoria fundamentada: em que *consiste* uma teoria? A que se assemelha quando apresentada? Qual é sua relação com “realidade” e “verdade”? Como se relaciona com as perspectivas dos agentes? Qual a sua utilidade, e que responsabilidade têm os pesquisadores/teóricos por terem-na produzido?

Em que consiste uma teoria?

Uma teoria consiste em *relações* plausíveis propostas entre *conceitos e conjuntos de conceitos*.² (Embora apenas plausível, sua plausibilidade deve ser reforçada pela pesquisa continuada.) Sem conceitos não pode haver proposições e, assim, não pode haver também nenhum conhecimento cumulativo científico (sistematicamente teórico) baseado nessas proposições plausíveis, embora testáveis. (Neste ponto, recomendamos o artigo de Herbert Blumer ironicamente intitulado “Science Without Concepts” [Ciência Sem Conceitos], 1934/1969, no qual o autor claramente delinea a necessidade de conceitos e de relações conceituais para o entendimento científico.)

A metodologia da teoria fundamentada é planejada para guiar os pesquisadores na produção de teoria que são “conceitualmente densas” – ou seja, com muitas relações conceituais. Estas relações declaradas como proposições são, como em virtualmente qualquer outra pesquisa qualitativa, apresentadas em forma discursiva: estão engastadas em um amplo contexto de escrita descritiva e conceitual (Glaser & Strauss, 1967, pp. 31-32; Strauss, 1987, pp. 263-264). A apresentação discursiva captura a densidade conceitual, e também comunica descritivamente o conteúdo substancial de um estudo muito melhor do que a forma de apresentação proposicional da ciência natural (tipicamente expressa como “se-então”).

A conceitualização teórica significa que pesquisadores de pesquisa fundamentada estão interessados em padrões de ação/interação entre vários tipos de unidades sociais (isto é, “agentes”). Logo, eles não estão especialmente interessados em criar teorias sobre agentes individuais como tais (a menos que sejam, talvez, psicólogos ou psiquiatras). Estão muito mais preocupados em descobrir o *processo* – não necessariamente no sentido de estágios ou fases, mas de alterações recíprocas nos padrões de ação/interação, e em relação a alteração de condições tanto internas quanto externas ao processo em si. Quando estágios ou fases são distinguidos pelo pesquisador com propósitos analíticos, isto significa uma conceitualização do que ocorre sob certas condições: com movimento para frente e para trás, acima e abaixo,

em uma direção e em outra – tudo dependendo de condições analiticamente especificadas. Na medida em que a teoria desenvolvida através desta metodologia é capaz de especificar conseqüências de suas condições relativas, o teórico pode reivindicar predictabilidade, no sentido limitado de que *se* em algum lugar condições aproximadamente semelhantes são obtidas, *então* conseqüências aproximadamente semelhantes podem ocorrer.

Talvez algumas poucas palavras possam ser acrescentada para evitar possíveis reações de que esta versão de teoria é excessivamente austera e formal por natureza, mesmo se não o é em sua apresentação. Mais ao princípio, aludimos à relevância (“adequação”) de substanciais teorias fundamentadas, em termos do que o pesquisador verdadeiramente viu e/ou ouviu, e mais à frente serão feitos comentários sobre a relevância da teoria e suas aplicações. Gostaríamos de notar aqui apenas duas características adicionais das teorias fundamentadas, independente de quais sejam seus níveis de abstração. Primeiro, teorias são sempre rastreáveis nos dados que lhes deram origem – dentro do contexto interativo de análise e coleta de dados, no qual o analista é também um agente significativo e crucial. Segundo, teorias fundamentadas são muito “fluidas” (um adjetivo que Joan Fujimura usou para caracterizá-las em uma comunicação pessoal). Porque abraçam a interação de múltiplos agentes, e porque enfatizam a temporalidade e o processo, elas com certeza têm uma marcante fluidez. Requerem a sondagem de cada nova situação, para ver *se* tais se adequam, *como* devem se adequar e como *não devem* se adequar. Elas demandam uma abertura do pesquisador, baseado no *eterno* caráter provisório de toda teoria. Por tudo isso, teorias fundamentada não são apenas outro conjunto de frases. Mais do que isso, elas são afirmações sistemáticas de relações plausíveis.

A que se assemelha a escrita da teoria fundamentada

Um revisor de uma antiga versão deste artigo sugeriu que os leitores poderiam se beneficiar com uma ou outra citação mais extensa ilustrando a que se assemelha uma teoria fundamentada. Por nossa vez, sugerimos que eles tirem uma amostra da lista de nossos escritos, de nossos colegas de trabalho ou de nossos ex-alunos, que figuram nas referências e no apêndice deste artigo. Na falta disso, extraímos um trecho de um artigo sobre “contexto de consciência limitada”, que é provavelmente muito bem conhecido:

Há pelo menos cinco importantes condições estruturais que contribuem para a existência e manutenção do contexto de consciência limitada. [Estas são então discutidas em detalhes por duas páginas e meia. Em seguida, tipos de interação que ocorrem sob condições de consciência limitada são apresentados tanto descritivamente (com citações) quanto com sensibilidade analítica. Então, como o processo é importante, os autores escrevem:] Inerentemente, esse contexto de consciência limitada tende à instabilidade, na medida em que o paciente se move à suspeita ou à total consciência de terminalidade. As principais razões para a instabilidade... requerem somente uma breve nota, pois já foram esboçadas. Primeiro, qualquer falha nas condições estruturais que rumam em direção do contexto de consciência limitada, podem conduzir ao seu desaparecimento. Estas condições incluem [exemplos são dados].... Algumas revelações ou palpites inesperados provindos das condições organizacionais podem também ocorrer. [Mais exemplos são dados, incluindo variações em diferentes enfermarias] Novos sintomas incompreensíveis provavelmente alarmam e deixam perplexo o paciente, e quanto mais longa sua recuperação, mais difícil se torna dar-lhe explicações plausíveis, embora um complicadíssimo drama possa ser representada em seu benefício. Mesmo assim, torna-se de alguma forma mais difícil manter... a confiança por um longo tempo. [Mais comparações e variações são dadas]... Outra ameaça à consciência limitada... é que alguns tratamentos fazem pouco sentido para um paciente que não reconhece estar morrendo... Além disso, um paciente às vezes pode não ser capaz de lutar contra sua condição física que muito se deteriora, a menos que as enfermeiras interpretem tal condição e seus sintomas a ele. Para fazê-lo, as enfermeiras podem ser forçadas a falar de sua morte.

Não revelar... pode torturar e isolar o paciente, o que vai de encontro a um valor central da enfermagem, ou seja, que é deixar o paciente o mais confortável possível.... O perigo de que membros da equipe possam desfazer as aparências... também cresce quando o paciente se aproxima da morte, especialmente quando esta toma lugar aos poucos.... Este último conjunto de condições leva-nos à questão de se, e como, as pessoas do local podem realmente engenhar uma mudança no contexto de consciência limitada. [Exemplos são dados de observações de como isto é feito.] De fato, quando a família realmente sabe a verdade, os riscos da manutenção da consciência limitada provavelmente crescem muito, só porque os parentes são mais fortemente tentados a dizer a verdade. [Segue-se então um sistemático detalhamento de consequências, para pacientes, enfermeiras, médicos, parentes, enfermaria e hospital.] (Glaser & Strauss, 1964, pp. 29-46)

Relações da teoria com realidade e verdade?

Hoje em dia há muito debate sobre estas duas questões. Seguimos aqui de perto a posição pragmatista americana (Dewey, 1937; Mead, 1917): uma teoria não é uma formulação de algum aspecto descoberto de uma realidade preexistente “lá fora”.⁴ Pensar de outra forma é tomar uma posição positivista que, como dissemos acima, rejeitamos, como o fazem muitos outros pesquisadores qualitativos. Nossa posição é de que verdade é desenvolvida (Addelson, 1990): teorias são interpretações, feitas de perspectivas dadas, e adotadas ou investigadas por pesquisadores. Dizer que uma teoria dada é uma interpretação – e portanto falível – não significa, em absoluto, negar que julgamentos possam ser feitos sobre sua segurança ou provável utilidade.

Todas interpretações, tenham ou não características ou status de teoria, são temporariamente limitadas – em um sentido dual. Primeiro, elas são sempre provisórias, não são nunca estabelecidas para sempre; sua natureza verdadeira permite uma reelaboração sem fim e uma negação parcial (qualificação). Segundo, como muitos outros tipos de conhecimento, teorias são limitadas no tempo: pesquisadores e teóricos não são deuses, mas homens e mulheres vivendo em certas épocas, imersos em certas sociedades, sujeitos a ideologias e idéias correntes, e assim por diante. Daí, quando as condições mudam em um nível qualquer da matriz condicional, isto afeta a validade de teorias, ou seja, suas relações com a realidade social contemporânea. Teorias estão constantemente se desatualizando, ou necessitando de qualificação porque, como um de nós certa vez escreveu:

Nos defrontamos com um universo marcado por uma tremenda fluidez; o que não irá e nem poderá permanecer assim. É um universo onde fragmentação, esfacelamento e desaparecimento são imagens espelhadas de aparecimento, emergência e coalescência. Este é um universo onde nada é estritamente determinado. Seus fenômenos podem ser parcialmente determinados por uma via naturalista de análise, incluindo o fenômeno de homens [e mulheres] participando da construção das estruturas que dão forma às suas vidas. (Strauss, 1978, p. 123)

Em resumo, teorias estão engastadas “na história” – épocas históricas, eras e momentos devem ser levados em conta no julgamento, revisão e reformulação de teorias.

A natureza interpretativa de teorias fundamentadas quer dizer que tal conceitualização é um processo intelectual que se estende por todo o curso de um projeto de pesquisa. Este é um processo muito complexo, e as próximas páginas irão, em certo sentido, detalhar sua complexidade.

Perspectivas de múltiplos agentes e interpretações analíticas

A metodologia da teoria fundamentada incorpora as hipóteses, partilhadas com outros, mas não todos, e pontos de vista da ciência social relativas ao status *humano* de agentes os quais estudamos. Eles têm perspectivas e interpretações das suas ou das ações de outros agentes. Como pesquisadores, é-nos

solicitado aprender o que pudermos de suas interpretações e perspectivas. Além disso, teoria fundamentada requer, porque determina o desenvolvimento da teoria, que essas interpretações e perspectivas incorporem-se em nossas próprias interpretações (conceitualizações).

Os procedimentos de teoria fundamentada realçam essa possibilidade, dirigindo a atenção, por exemplo, para conceitos *in vivo* que refletem as profundas preocupações dos próprios agentes. Os seus procedimentos forçam os pesquisadores a questionar e rever ceticamente suas próprias interpretações em todo o passo da pesquisa. Um argumento importante desta metodologia é que *múltiplas perspectivas* devem ser sistematicamente procuradas durante a investigação. Este dogma contribui para a construção da teoria, inclusive com concepções leigas, e ajuda a prevenir de ser capturada por elas. Talvez nem todas as perspectivas do agente podem ser descobertas ou necessitam sê-lo, mas aquelas dos agentes que, mais cedo ou mais tarde, são julgadas ser significativamente relevantes devem ser incorporadas à teoria emergente. (Na linguagem de nossos contemporâneos, é dada atenção a múltiplas “vozes”, mas note que estas *também* são interpretadas conceitualmente pelo pesquisador que segue nossa metodologia.) Procedimentos de codificação – incluindo os importantes procedimentos de comparação constante, questionamento teórico, amostragem teórica, desenvolvimento de conceitos e suas relações – ajudam a proteger o pesquisador da adoção de qualquer uma daquelas vozes em seus próprios termos, e em certa medida força a voz do próprio pesquisador a questionar, ser questionada e ser provisória.

Em teoria fundamentada, conceitos são formulados e analiticamente desenvolvidos, relações conceituais são postuladas – mas enfatizamos aqui que elas incluem as múltiplas perspectivas dos agentes. Assim, teorias fundamentadas, que são abstrações como quaisquer outras teorias, são, não obstante, fundamentadas direta e indiretamente sobre as perspectivas dos diversos agentes, segundo os fenômenos estudados por nós. Teorias fundamentadas conectam esta multiplicidade de perspectivas com padrões de processos de ação/interação que por sua vez estão ligados a condições e conseqüências cuidadosamente especificadas.

Uma codificação teórica eficaz também fica grandemente realçada pela sensibilidade teórica (Glaser, 1978; Strauss & Corbin, 1990). Esta consiste em conhecimento disciplinar ou profissional, tanto quanto experiências pessoais de pesquisa que o pesquisador leva à sua investigação. Este ponto tem ligações com a discussão prévia de matriz condicional, porque quanto mais teoricamente sensíveis os pesquisadores são a questões de classe, sexo, raça, poder e semelhantes, mais atentos eles estarão a estas matérias. Os procedimentos de amostragem teórica e comparação constante são aliados da sensibilidade teórica.

A propósito de sensibilidade teórica, devemos adicionar que em todos os modos de pesquisa qualitativa a interação entre o pesquisador e os agentes estudados – se a pesquisa é profunda – é provável que resulte em certo grau de modelamento recíproco. Isto é devido ao fato de que pesquisadores e dados (palavras e frases, ações, vídeos) falam uns com os outros. Em estudos de teoria fundamentada a conversação é centrada na análise teórica, e assim o modelamento também está relacionado, de forma crescente, ao processo de tornar-se teoricamente sensível. Durante ou ao fim do estudo, o pesquisador pode devolver a informação aos agentes, na forma de uma análise teórica final ou estrutura teórica, ou mais freqüentemente por observações reveladas por uma teoria que se desenvolve. Por sua vez o pesquisador, por todo o curso do projeto de pesquisa, pode ser muito afetado pela experiência mesma de análise (em certo sentido como contribuição dos respondentes). Também, o teórico é afetado por experiências *com* os respondentes, que podem não estar incidentalmente contribuindo com idéias, conceitos (incluindo conceitos *in vivo*), e preservando perspectivas para a análise. Em resumo, o pesquisador teórico vai se tornando, de forma crescente, teoricamente sensibilizado, incluindo, como notado antes, a inspeção da literatura em busca de teorias reconhecidas que possivelmente possam ser relevantes à teoria emergente, desenvolvida largamente pela contínua conversação com “os dados”.⁵

Responsabilidades dos teóricos e usos da teoria

Enfatizando como são realizados os aspectos teóricos da pesquisa social, a teoria fundamentada empurra seus praticantes na direção de interpretações teóricas. Por isso eles têm a obrigação de contribuir com o conhecimento de suas respectivas disciplinas ou profissões. Entretanto, nós que visamos a teorias fundamentadas também acreditamos (como o fazem muitos outros pesquisadores) que temos obrigações para com os agentes que estudamos, obrigação de “contar suas histórias”, a eles e a outros – dar-lhes voz – ainda que no contexto de suas próprias e inevitáveis interpretações. Devemos isto aos nossos “sujeitos”, dizer-lhes verbalmente ou em impresso o que aprendemos, e dar claras indicações por que os interpretamos como o fizemos. Além do mais, como notado em *Discovery*, uma teoria fundamentada “deve concordar de perto com os dados se ela deve ser aplicada em situações diárias” (Glaser & Strauss, 1967, p. 238). E esta fidelidade aos dados substanciais, esta “adequação” a uma área substancial, é uma poderosa condição para a utilidade da teoria na vida prática. Sua utilidade pode ser matéria de entendimento tanto quanto de aplicação direta.

Certamente isto não significa que toda teoria fundamentada deve ter uma aplicação imediata ou direta, embora tenhamos uma obrigação também com relação à “sociedade”, pelo menos com aqueles mundos sociais com os quais temos compromissos. Estes compromissos carregam consigo a responsabilidade de se desenvolver ou usar uma teoria que terá, pelo menos, algumas aplicações práticas, que poderá ser útil a uma mais vasta audiência do que a estritamente constituída por nossos colegas disciplinares ou profissionais, ou mesmo a *grupos* específicos, organizações ou mundos sociais que estudamos. Não é imediatamente necessária a tradução de teorias substanciais bem fundamentadas e, em último caso, a responsabilidade pode estar com educadores ou praticantes reais “em campo”. Um exemplo de uma aplicação bem sucedida dos esforços combinados de dois pesquisadores/teóricos (um sociólogo e uma pesquisadora/educadora de enfermagem) e enfermeiras clínicas/educadoras é a extensão do conceito de “trajetória” em um modelo muito diretamente aplicável à realização de tratamentos de enfermagem e a pesquisa sobre os mesmos (Woog, 1992).

Teorias fundamentadas podem também ser relevantes e possivelmente influentes no “entendimento” de políticos ou de suas ações diretas. Como exemplo, chamamos atenção para um livro de políticas sobre tratamento de saúde (Strauss & Corbin, 1990), que apresenta uma crítica do atual sistema de saúde e também um projeto um tanto diferente, daqueles que têm sido tipicamente rejeitados pelos práticos leitores daquelas políticas, mas que abriu horizontes para o entendimento dos que não estão assim tão comprometidos com os planejamentos correntes.

Nossa insistência nesta terceira obrigação, a de abranger uma sociedade mais ampla, parece estar em discordância com outras tomadas por aqueles que restringiriam ações ou reformariam atividades apenas para aumentar o número de pessoas verdadeiramente estudadas. Já que toda teoria traz implicações para a ação, não iríamos assim restringir sua aplicabilidade. Uma cuidadosa teoria fundamentada provavelmente será usada, e usada de modos diferentes de quaisquer outros sonhados por nós, pesquisadores/teóricos – muito além de nossos compromissos e desejos. Daí sustentarmos a especial responsabilidade de tentar atingir pelo menos as audiências que nós mesmos desejamos atingir.

Teorias fundamentadas de ordens elevadas

Em *Discovery*, um capítulo intitulado “De teoria substancial a teoria formal” (1987) começa com um conjunto de idéias muito importantes; em verdade, hoje parecem ainda mais importantes. Sua significância está na predomínio continuado de teoria substancial (ou estudos substanciais *sem* teorização) e na escassez de teorias sociais de alto nível que são *fundamentadas em investigações específicas de pesquisa*. Eis aqui a citação:

Desde que teoria substancial é fundamentada na pesquisa de uma área substancial (trabalho, delinqüência juvenil, educação médica, saúde mental) ela pode ser tomada como aplicável apenas àquela área específica. Uma teoria em tal nível conceitual, entretanto, pode ter importantes implicações gerais e relevância, e tornar-se quase que automaticamente um trampolim ou um pon-

to de partido para o desenvolvimento de uma teoria fundamentada formal [ou como mais usualmente dito, “geral”].... Teoria substancial é um ponto estratégico na formulação e geração de uma teoria fundamentada formal. Embora acreditemos que uma teoria formal possa ser gerada diretamente dos dados, é mais desejável, e normalmente necessário, iniciar um teoria formal de uma outra substancial. Esta não apenas dá um estímulo a uma “boa idéia” mas também dá uma direção inicial no desenvolvimento de categorias e propriedades relevantes, e na escolha de modos possíveis de integração. Em verdade, é difícil achar uma teoria fundamentada formal que não tenha sido, de certa forma, estimulada por uma teoria substancial. Frequentemente as teorias substancial e formal são formuladas por diferentes autores. Às vezes em uma teoria formal está implícita a teoria substancial, tendo sido desenvolvida pelo autor ou por outro escritor. (Glaser & Strauss, 1967, p. 79)

Nas páginas seguintes a esta declaração, Glaser e Strauss notaram as inconveniências de se formular uma teoria formal baseada em dados advindos de uma só, mais do que de várias, áreas substanciais. Em um livro publicado três anos depois (1970), estes autores apresentaram uma teoria formal sobre mudança de status, que foi desenvolvida de conceitualizações prévias tanto quanto fundada em dados reunidos de uma multiplicidade de áreas substanciais. Um livro posterior apresentou uma teoria da negociação (Strauss, 1978), partindo de uma formulação teórica conhecida como “ordem negociada” (Strauss, Bucher, Ehrlich, Sabshin & Shatzman, 1963, 1964), e de um exame de dados tirados de várias áreas substanciais e de várias monografias ou escritos de teóricos sociais e políticos. Antes, porém, Strauss (em uma obra de 1970 reimpressa em 1987, pp. 306-311) publicou um artigo intitulado “Descobrimo uma nova teoria de uma teoria prévia”, no qual apresentava em detalhes como uma teoria fundamentada substancial pode ser enormemente estendida, levando a uma teoria substancial mais elaborada ou a teorias formais desenvolvidas em conjunção com dados de múltiplas áreas. (Para discussões semelhantes de teorias substanciais e formais, veja Glaser, 1978, pp. 143-157; Strauss, 1987, pp. 241-248.)

Como mencionado anteriormente, Diane Vaughan (1992), uma profunda teórica e excelente pesquisadora, escreveu sobre uma abordagem alternativa, mas afim, de produção de uma teoria geral. Ela defende a “elaboração de teoria”, que consiste em se partir de teorias existentes e desenvolvê-las além, em conjunção com “análise qualitativa de caso”. Por *teoria*, ela quer dizer “ferramentas teóricas em geral”, incluindo teoria (formulada), modelos e conceitos; por *elaboração* ela quer dizer “o processo de se refinar a teoria, modelo ou conceito de forma a especificar mais cuidadosamente as circunstâncias que oferecem ou não potencial para explicação” (p. 175). (Seus exemplos, entretanto, são, em sua maioria, de suas próprias teorias fundamentadas e pesquisas, mas ela também utiliza algumas teorias fundamentadas substanciais já existentes.) De sua leitura, ganhamos uma compreensão de mais técnicas para se atingir teorias mais gerais, que abraçam mas transcendem o substancial, enquanto ao mesmo tempo as conecta com teorias prévias (veja também Gerson, 1971). Aparentemente iremos enfrentar complexidades no desenvolvimento de teorias em níveis diferentes ou graus de abstração. Estas complexidades não foram ainda aclaradas na literatura. (Os termos *geral* e *formal* são muito rudes para apreender esses graus ou níveis de teoria.)

Eis aqui um desafio que deveria ser enfrentado por qualquer um que acredita que teoria deve ser fundamentada! Não devemos tomar partido apenas por teorias substanciais, não importa quão estimulantes ou úteis elas são para fazer avançar o desenvolvimento da teoria, para entender fenômenos, para *Verstehen* (compreender) pessoas e ações, ou pelo seu uso prático em guiar comportamento ou plano de ação. Teoria geral também tem seu lugar como uma ferramenta poderosa para todos estes propósitos. O perigo de tal teorização não é sua abstração –o que pode ser uma grande vantagem – mas que possa estar especulativamente distante dos fenômenos que pretende explicar. A metodologia da teoria fundamentada insiste que não importa quão geral – quão ampla em escopo ou abstração – é a teoria, ela deveria ser desenvolvida naquele vai-e-vem de interação com dados que é tão central nesta metodologia.

Mesmo se uma teoria substancial ou geral é visada, há um perigo em potencial no uso da metodologia, se o pesquisador está extremamente familiarizado e ligado aos conceitos e estruturas conceitu-

ais apresentados em estudos de teoria fundamentada prévios. O perigo é que estes podem ser usados sem uma genuína fundamentação no estudo corrente. Eles também devem ser fundamentados na interação com os dados, exatamente como o são aqueles tomados de outras fontes.

Tendências Sociais e Intelectuais e Teoria Fundamentada

Para arrematar este capítulo, os editores deste volume nos pediram que déssemos um palpite sobre o que o futuro reservaria para a teoria fundamentada. Um olhar de águia não é o nosso forte, mas podemos, pelo menos, prever o que se segue. Primeiro considere certas fortes tendências sociais e intelectuais que provavelmente poderão afetar extensamente a consciência, a rejeição e os usos variados desta metodologia:

1. a contínua fragmentação das tradicionais disciplinas científicas sociais e comportamentais em subdisciplinas, cada qual com suas questões distintivas correntes, tipos de dados e freqüentemente procedimentos específicos de pesquisa
2. um crescente interesse e a presumida necessidade de pesquisa social dentro de várias profissões e suas especializações, e dirigidas a um crescente ou pelo menos mutante conjunto de questões
3. uma continuada confiança em métodos qualitativos, sozinhos ou em conjunção com quantitativos, por um crescente número de pesquisadores profissionais e disciplinares
4. um crescente interesse em interpretações teóricas de dados, com as quais divergentes definições de teoria acreditaram adequar-se à natureza de seus materiais
5. uma continuação da tendência corrente de antagonismo contra o que quer que vá com o nome de ciência, e especialmente contra seus cânones
6. a expansão do pós-modernismo, mas uma variada expansão, dado que há muitas e às vezes divergentes direções neste movimento intelectual geral
7. uma continuada tendência ao uso de programas de computadores em ordem a interpretar dados, talvez com acompanhamentos orais e visuais
8. no mundo como um todo, provavelmente uma continuada e mesmo maior ênfase sobre o indivíduo e sobre a identidade coletiva (nacionalismo, por exemplo), requerendo métodos aperfeiçoados para entender os sentidos e a simbolização dos agentes.

Todas estas tendências devem afetar profundamente o uso e a avaliação da teoria fundamentada. Pense, se desejar, nesta metodologia geral como em estágios iniciais de desenvolvimento, comparável à pesquisa de levantamento por volta de 1940. O que pesquisadores fizeram com metodologia de levantamento, uma vez cientes dela, foi rejeitá-la, por diferentes razões ou, com o passar dos anos, usá-la em sua formulação original, aperfeiçoando-a ou adaptando-a de várias maneiras, inclusive combinando-a com outras metodologias. O destino da metodologia da teoria fundamentada não deve ser apreciavelmente diferente. Assim, pelo menos, pode ser seguramente predito, tendo em mente as condições sociais/intelectuais previamente notadas, que os seguintes *processos* ocorrerão:

1. Pesquisadores em áreas substanciais adicionais e profissionais em outros países farão experimentos e usarão ou adaptarão a metodologia.
2. A adaptação incluirá a adaptação desta com outras metodologias (hermenêutica, fenomenológica, por exemplo). Será também combinada com métodos quantitativos em projetos predominantemente quantitativos ou predominantemente qualitativos, ou em projetos de igual ênfase.
3. Campos particulares irão combinar a metodologia com outras metodologias mais do que considerá-las competidoras. (Por exemplo, pesquisadores em enfermagem usam várias combinações de etnografia, fenomenologia e teoria fundamentada; presumivelmente psicólogos combinarão ou estão combinando a última com métodos de pesquisa mais tradicionais ou emergentes.)

4. Um crescente número de programas de computador incluirá a possibilidade de se utilizar a metodologia, e tais programas tornar-se-ão mais sofisticados, e serão usados de modo crescente com esse propósito.
5. Os procedimentos propostos usados na literatura corrente sobre teoria fundamentada tornar-se-ão mais elaborados, e adaptações específicas serão feitas por pesquisadores para a análise de uma maior gama de fenômenos. Esta elaboração e adaptação incluirá também estudos em vários locais, em uma variedade de cenários, incluindo trabalho transcultural.
6. Variedades de teorias ou “interpretações” serão desenvolvidas por diferentes pesquisadores em diferentes áreas, cada um dos quais usará uma ou outra versão adaptada/elaborada da metodologia.

Recentemente um astuto sociólogo solicitou-nos que disséssemos algo sobre os limites externos de pesquisa que *nós* iríamos ou poderíamos continuar chamando de “teoria fundamentada”. As características desta metodologia que consideramos tão centrais que seu abandono significaria uma grande perda são: a fundamentação da teoria sobre os dados através da interação dados/teoria, a realização de constantes comparações, o questionamento de questões teoricamente orientadas, codificação teórica e o desenvolvimento de uma teoria. Entretanto nenhum inventor tem a posse permanente da invenção – certamente nem mesmo de seu nome – e além do mais, não desejaríamos tê-la. Sem dúvida que sempre preferiremos as últimas versões de teoria fundamentada que estarão mais próximas da nossa ou a aperfeiçoarão, mas uma criança uma vez criada está mais sujeita a uma combinação de suas origens com as crescentes contingências da vida. Poderia ser de outra forma com uma metodologia?

Notas

1. Eis uma bela ilustração sobre a tarefa de rastrear efeitos de condições, ou nas palavras dos autores (ex-alunos de Strauss): “coisas, atributos, elementos estão na *situação em si*... Por exemplo, Fujimura (1987) notou que os donos de armazéns de drogas de companhias de biotecnologia são elementos muito presentes no laboratório (embora raramente em pessoa), e não são meramente parte do contexto. Os donos de armazéns rotineiramente influenciam as decisões na construção de problemas factíveis, e sobre como deve ser o próximo passo do projeto. As reivindicações e outros produtos que emergem da situação personificam todos os elementos dentro dela, humanos e não-humanos igualmente. Portanto especificar os elementos é uma tarefa altamente significativa” (Clarke & Fujimura, 1992, pp. 17-18).

2. “Um grupo coerente de proposições gerais usado [provisoriamente] como princípios de explicação para uma dada classe de fenômenos” (Stein & Urdang, 1981, p. 1471).

3. “*Para capturar o processo analiticamente* deve-se mostrar o natureza fugidia dos eventos notando por que e como a ação/interação – na forma de eventos, realizações e acontecimentos – mudarão, ou permanecerão na mesma...; por que há uma progressão de eventos, ou o que habilita a continuidade de uma linha de ação/interação, em face à mudança de condições, e com quais conseqüências” (Strauss & Corbin, 1990, p. 144; mas veja a discussão, pp. 143-157).

4. Os filósofos pragmatistas enfatizaram as conseqüências e as condições antecedentes que precipitaram o fenômeno, e insistiram no abandono da busca impossível da Verdade. A teoria fundamentada defende seguir-se este posicionamento geral. Lendo uma antiga versão deste artigo, um revisor perguntou-nos acerca de nossas posições sobre as relações de ideologia e poder com verdade. Em breves palavras: poder certamente afeta a capacidade de convencer audiências, incluindo provavelmente indivíduos, se alguém há que leve seu poder a sério. Ideologias todos as temos – todos temos posições políticas e outras – mas uma inquestionável lealdade a elas, com pouca ou nenhuma atenção em desafiá-las ou “testá-las”, leva sociólogos como Irving Horowitz, um tanto corretamente, acreditamos, a travar batalhas com ideologias sociológicas. A teoria fundamentada tem procedimentos que ajudam a desafiar as ideologias e posições implícitas de alguém que a use. A crítica feminista da parcialidade objetiva da ciência tra-

dicional parece-nos correta, na medida em que alguns cientistas possam assumir que eles são apenas instrumentos humanos produzindo versões da natureza (e esta costuma ser a natureza de Deus) “lá fora”. Cientistas físicos e biológicos contemporâneos parecem entender muito bem a ingenuidade de tal posição, embora estes também, às vezes, apresentem individualmente uma assustadora arrogância.

Uma questão relacionada, levantada por outro revisor, é que “pesquisadores freqüentemente *escrevem* como se a ordem estivesse implícita... e fosse inerente aos dados, quando o que eles querem realmente dizer é que tal ordem emergiu de interações entre o pesquisador e seus dados, de alguma sensibilidade teórica sugerida pela questão original de pesquisa”. Esta é exatamente a questão!

5. Um revisor de uma antiga versão deste artigo sugeriu que nossa declaração sobre sensibilidade teórica era uma super-declaração, porque pesquisadores inexperientes “podem provavelmente ver mais coisas que não fazem sentido, e portanto formular questões do tipo ‘por quê?’ ou mesmo questionarem ‘por que você não pensa desta forma?’” Ele tem uma posição, dado que novas perspectivas podem precipitar significativas e mesmo radicais questões. Experiências pessoais são também imensamente vitais para a sensibilidade teórica (Corbin & Strauss, 1990; Glaser, 1978).

Traduzido por Frederico José Andries Lopes, maio de 1997